Biblioteca Escolar e o conceito de mediação da leitura

*Cristiane Lopes Carvalho Nikel*

*crislopesc@gmail.com*

*Patrícia Vargas Alencar*

*patricia.vargas@unirio.br*

*Daniele Achilles Rosa Dutra*

*daniele.achilles@unirio.br*

*Recebido em: 15/02/2024*

*Aceito em: 06/05/2024*

**Resumo**

A pandemia do coronavírus acelerou e evidenciou mudanças nos serviços bibliotecários, levantando questões referentes à missão e atuação da biblioteca escolar e evidenciando o conceito de mediação. Os novos tempos apontam a problemática da necessária virtualização dos serviços bibliotecários combinados com o retorno à comunidade em atividades profissionais de interação com e entre os leitores, como no caso da Biblioteca Escolar. O objetivo deste artigo é investigar o conceito de mediação de leitura pelas bibliotecas escolares de forma relacional e contínua, tal como o processo educativo sugere, dentro do contexto da virtualização dos serviços e leituras. A metodologia utilizada é a de caráter qualitativo a partir da pesquisa bibliográfica exploratória sobre o tema na Literatura da Biblioteconomia, Educação, Literatura e Ciência da Informação. Neste caminho, ocorre a discussão da missão e representatividade das bibliotecas para atuar de forma relevante na sociedade e de questões inerentes ao processo de mediação.

**Palavras-chave**: biblioteca escolar. mediação. mediação da leitura.

*School library and the concept of reading mediation*

***Abstract***

*The coronavirus pandemic has accelerated and highlighted changes in library services, raising questions regarding professional librarian work and highlighting the concept of mediation. The new times point to the problem of the necessary virtualization of library services combined with the return to the community in professional activities of interaction with and between readers, as in the case of the School Library. This article aims to investigate the concept of mediation of reading by school libraries in a relational and continuous way, as the educational process suggests within the context of virtualization of services and readings. The qualitative methodology is based on exploratory bibliographical research in the Literature of Library Science and Information Science. In this way, there is a discussion of the mission and representativeness of libraries to act in a relevant way in society and of issues inherent in the process of mediating.*

***Keywords:*** *mediation. reading mediation. school library.*

**1 INTRODUÇÃO**

As urgências mundiais ocasionadas em função da pandemia do coronavírus em 2020, evidenciaram crises e vulnerabilidades ao mundo inteiro, provocando mudanças que afetaram tanto o público quanto as bibliotecas. Sociedade e instituições precisaram implementar para a sua própria sobrevivência, novas práticas sociais, além de gerar muitas reflexões sobre como agir diante dos desafios impostos pelo isolamento social, por exemplo. A impossibilidade do presencial mostra a virtualização de serviços e acelera ainda mais o uso de tecnologias no tratar da informação, evidenciando problematizações do trabalho com o tratar da informação e seu acesso, ou seja, de mediação do profissional da informação na área. Neste escopo, recortamos e problematizamos o conceito de mediação de leitura realizado pela Biblioteca Escolar.

Foi requerido das bibliotecas o desenvolvimento de trabalhos *online*, intensificando estrategicamente o uso de trabalhos remotos e criação de serviços para atender à sociedade em novas necessidades informacionais que se configuraram em substituição ao trabalho dito tradicional das Bibliotecas Escolares. Novas estratégias de leitura mediadas por outros suportes confrontam os profissionais a saberem manipular estes instrumentos e que seus leitores também saibam manuseá-los. Porém, contraditoriamente à virtualização de serviços e às novas necessidades e práticas de leitura, transparecem outras maiores necessidades de intervenção profissional nos processos de interação e desenvolvimentos destas leituras variadas e seus novos suportes. A nova realidade altera os serviços, a própria atuação bibliotecária, e foi essencial a questionamentos e reflexões sobre o conceito de mediação, principalmente no contexto da Biblioteca Escolar atuando diretamente com o envolvimento e desenvolvimento de seus leitores nestas novas práticas de leitura.

Se tratando da biblioteca escolar, a IFLA/UNESCO (2005, p.1) a define (BE) como uma instituição social que:

propicia informação e ideias fundamentais para seu funcionamento bem sucedido na atual sociedade, baseada na informação e no conhecimento. A BE habilita os estudantes para a aprendizagem ao longo da vida e desenvolve a imaginação, preparando-os para viver como cidadãos responsáveis.

E ainda sobre a definição de Biblioteca Escolar : “É um espaço de estudo e construção do conhecimento, coopera com a dinâmica da escola, desperta o interesse intelectual, favorece o enriquecimento cultural e incentiva a formação do hábito da leitura” (Côrte; Bandeira, 2011, p. 9)

Comumente e tal como documentada acima e na literatura científica, as bibliotecas escolares são mediadoras do ato de ler e sempre tiveram sua função básica atrelada ao desenvolvimento da leitura voltada à aprendizagem, bem como ao exercício da cidadania e da fruição pela imaginação. Nóbrega (apud Yunes; Rocha (2015, p. 8) afirma que a “biblioteca [pode] ser entendida como território, como espaço mediador, relevante para o desenvolvimento de práticas leitoras”. Portanto, sua atuação neste momento de trabalho com a leitura se torna intrigante diante das novas e antigas relações entre a leitura e das ações da biblioteca então destituída de seu acervo físico e ainda principal suporte de leitura: o livro. Isso ocorre ao mesmo tempo em que hoje se reforça o importante papel social das bibliotecas ao existirem para atender demandas informacionais do seu público que envolvem para além de grande competência e crítica leitora, habilidades com tecnologia para acesso a múltiplas informações.

Segundo Quispé-Farfan (2020) o contexto global acelerou o processo de virtualização de gestão e de serviços das bibliotecas, já iniciado pelo uso das tecnologias de comunicação; além de demonstrar a grande importância, versatilidade e flexibilidade das unidades de informação na atuação em momentos de crise. O contexto de trabalho remoto das escolas reflete bem isso: apesar do acesso ao bem material concedido por diversos planos assistenciais na compra do computador, tablet e dados de internet, inúmeras são as outras dificuldades dos alunos que os utilizam, pela dificuldade técnica dos mesmos, falta de conhecimento da família das habilidades com informática, da mesma forma em que professores e outros profissionais como os bibliotecários escolares, sem o espaço e acervo físico das bibliotecas, correm para se instrumentalizar em ferramentas digitais educativas para realização das aulas e desenvolvimento de serviços e disponibilidade de leituras.

Quispe-Farfán (2020) cita que ao mesmo tempo em que ocorre a explosão de smartphones, redes sociais, troca de informações em rede, inclusive pelas bibliotecas, mudando hábitos de pesquisa, consumo e informação na sociedade, evidenciando a necessidade de seletividade e criticidade na hora de apropriação da informação, é clara a brecha digital de alguns excluídos ao não terem conhecimento pleno destas ferramentas. Segundo a autora, a tendência em sua pesquisa documental demonstra um retorno às atividades comunitárias e integradas, com convívio e trocas por parte dos espaços planejados das bibliotecas como forma de responder às novas dinâmicas da sociedade. Claramente, a virtualização dos serviços e canais de leitura não exclui os espaços das bibliotecas como locais dinâmicos de encontros e processos educativos em contínuo diante do que se lê.

Neste contexto, o conceito de mediação como algo para além do acesso a determinada fonte de informação, se evidencia na forma relacional de acompanhar e avaliar o desenvolvimento da informação em conhecimento pelo seu público leitor de forma viva e criativa tal como o processo de trocas educativas sugere e a pandemia evidencia : não apenas a posse de aparelhos e tecnologias, mas, com a mediação profissional direta visando a apropriação de informações, aproveitamento das leituras e construção de saber por parte dos leitores. Tal como o cenário pulsante das bibliotecas escolares geralmente destituídas do silêncio tão característico de Bibliotecas.

O quadro que surge de forma abrupta em meio a uma pandemia, convoca a um momento de pausa e reflexão para pensar os impactos e ações futuras na prática bibliotecária no que tange ao conceito de mediação, com destaque para o contexto escolar em novos suportes de leitura, relações com leitores, competências de leitura e até mesmo reavaliações dos meios tradicionais. Hoje são requeridas habilidades leitoras até mais complexas, por seu excesso no mundo da web de rápidas transformações, novas expressões, atualizações, mudanças constantes e excesso de dados. Isto altera a forma como bibliotecários têm realizado o trabalho frente à crises, como interagem e conhecem o seu público e como a prática profissional foi se modificando a partir da incursão das tecnologias, levando a pensar como nossas intervenções podem contribuir para uma sociedade melhor no dia a dia escolar. E para além disso, levantar certa contradição do uso das tecnologias que sugeririam certo isolamento, refletirem, na verdade, em maior interação na prática educativa no recorte da ação da Biblioteca Escolar, pois, o período de uso das tecnologias torna clara a necessidade do compartilhamento e interferências diretas.

A proposta deste artigo é problematizar conceitualmente o conceito de mediação a partir de (Martins, 2020) e a mediação de leitura enfatizada por (Almeida Júnior, 2014) diante do oferecimento de serviços e gestão de bibliotecas escolares, ressaltando a Biblioteca Escolar e seu papel social diante da leitura na atual virtualização de serviços, digitalização das leituras, a combinação de novas posturas. O objetivo é discutir o conceito de mediação, não apenas em mudança, mas, sim, em movimento relacional constante, com a função social da biblioteca como espaço de prática de leitura de forma perene e contínua, debatendo a responsabilidade profissional dentro deste contexto.

As reflexões aqui presentes tomaram corpo a partir da pesquisa bibliográfica sobre o tema mediação da leitura pela biblioteca escolar e reflexões de disciplina cursada, sendo parte destas inseridas em dissertação defendida no final de 2022[[1]](#footnote-1). Para apresentar este estudo, o texto está dividido em cinco partes: responsabilidade social e representatividade da biblioteca como instituição com papel social e atribuições, como uma introdução para se pensar as questões do processo de mediação; a segunda parte de reflexões sobre o conceito de mediação encontrados na literatura científica da Biblioteconomia e Ciência da Informação; a terceira parte com uma breve correlação entre Biblioteca Escolar e Escolar e quarta sobre a mediação da leitura no contexto da atual virtualização , para por fim, tecer as considerações finais.

**2 RESPONSABILIDADE SOCIAL E REPRESENTATIVIDADE: UMA INTRODUÇÃO A MEDIAÇÃO**

Mueller (1984) realiza uma revisão de literatura de cerca de um século sobre a evolução das funções das bibliotecas na sociedade . Nesta, a autora defende que apesar das mudanças nas ações das bibliotecas, estas não são independentes do seu contexto, não podendo definir suas formas de trabalhar e missão, sem examinar seu ambiente. Mueller (1984) tratou em uma perspectiva histórica e conceitual sobre a responsabilidade social das bibliotecas públicas, mas que se aplicam a qualquer tipologia de biblioteca desde que trata de uma unidade organizacional com propósitos, missão e valores: “[...] a instituição biblioteca não é uma entidade independente, capaz de declarar quais e como serão oferecidos seus serviços, ou quais serão os seus objetivos” (Mueller, 1984, p. 49). A esta afirmação acrescenta Quispe-Farfán (2020) descrevendo que as bibliotecas não são somente a mudança do seu entorno, mas seguem tendências tecnológicas para atender as necessidades de seu público. Isto demonstra projeções do trabalho das bibliotecas a partir da observação e compreensão do seu ambiente externo e necessidades se moldando a todo tempo. Seria esta a flexibilidade das bibliotecas e a capacidade de adaptação, exatamente o que firmaria sua representatividade na sociedade ao demonstrar sua importância social como unidade informativa neste momento pandêmico e de isolamento sanitário.

Nesta direção, a postura da Biblioteca significaria tal como uma negociação com o público sobre sua existência e prática do trabalho bibliotecário. Sua missão é ligada conceitualmente e historicamente à representatividade da biblioteca e sua função na sociedade, o que a torna indispensável. Voltando aos fundamentos da Biblioteconomia, como dizem as 5 leis de Ranganathan (2009) é necessária a análise e observação da realidade de seu público, conhecer suas limitações e desejos, suas práticas culturais, sua realidade socioeconômica. Estar em contato constante com este público para delinear ações e serviços eficientes, reconhecendo que estas tarefas muitas vezes são a maior parte do trabalho das bibliotecas para além do seu fervor documental, organizacional, acervo ou sua ação em si. Pois o foco é no leitor. Sem este, de nada adiantaria o planejamento e a estrutura da biblioteca. Cada um dos princípios da Biblioteconomia indicados por Ranganathan (2009) indica comprometimento com seu público. Bem como a observação da realidade do período pandêmico intensificou o uso dos novos suportes tecnológicos de leitura como livros digitais, *e-books*, blogs etc.

Ao abordar a representatividade e importância da biblioteca como instituição social, retomamos a Escola de Chicago e o autor Pierce Butler (1971) com fundamentos que contribuíram para que a biblioteconomia fosse vista como uma ciência social. De acordo com Pierce Butler (1971, p. 9) a biblioteca é uma instituição criada para atender a sociedade moderna e tem como função social transmitir a cultura, esta que é um acúmulo social da experiência, para a coletividade, o que confere à Biblioteconomia o status de ciência por este movimento de voltar seu conhecimento para um todo e não apenas para o indivíduo. “Assim a Biblioteconomia toma o lugar que lhe cabe entre os fenômenos a serem discutidos em qualquer sistema de ciência social” (Butler, 1971, p.9). Este pensamento já indicava a importância do conhecimento em transformação na sociedade, pois, este só faria sentido se adquirido por alguém que revertesse este achado de volta na sociedade. Ora, esta é uma perspectiva de retorno à comunidade e encontro constante para atendimento a uma necessidade. Para Butler (1971) é necessário pensar mais na função social, no papel profissional diante da demanda e necessidade do que no processo, sendo importante pensar nos fundamentos biblioteconômicos. Isto, é o que faria da Biblioteconomia ser uma ciência social: refletir as extensões da mediação e focar em seu público, pois só assim, o processo da informação é compreendido e influenciado : entremeado por aspirações, questões sociais, cultura, limites e caminhos diversos. Algo que realmente corresponda aos interesses da sociedade tem que vir da realidade para voltar a ela. A Biblioteconomia teria de se voltar para a sua função e não apenas para o processo, pois necessidades comunitárias não são atendidas apenas de forma individualizada segundo Butler (1971, p.85-86). Este é um apelo do autor para o estudo teórico do profissional, defendendo a interdisciplinaridade no entendimento destas nuances, tal qual as extensões do conceito de mediação sugerem. Assim como a interseção e convergência entre o projeto educativo da escola e da Biblioteca, a ponto de tornar esta unidade organizacional na tipologia de Biblioteca Escolar.

Na reportagem *Elogio do Silêncio,* Matos (2020), ao abordar sobre o futuro das bibliotecas, relata a evidente função social do profissional e espaços exigindo competências dos profissionais bibliotecários tais como a de mobilização de pessoas nas áreas sociais, culturais e tecnológicas. Segundo o autor, a biblioteca que é relevante em sua vizinhança, deve ser um centro comunitário[[2]](#footnote-2), em que a informação e a documentação registrada são parte do serviço e não o todo, pois o bibliotecário será um gestor de *vontades e necessidades*.Pois esta seria a demanda atual para agir em tempos complexos.

Tal concepção se relaciona ao ato de “discutir e criar”, defendido por Milanesi (2013), em propor ao profissional negociar necessidades informacionais com seus usuários uma vez que as mesmas não são declaradas, ou talvez nem mesmo percebidas claramente por estes. *O verbo “discutir” leva em contato direto com o público num diálogo permanente e necessário entre a cidade, os poderes constituídos, o cidadão e o profissional (*Milanesi, 2013, p.8)*.*

Ou seja, depende de articulação e análise das necessidades informacionais da realidade de seu público, de suas práticas sociais, seus problemas, desigualdades, políticas instituídas, para melhor atendimento dessas lacunas. Milanesi (2013) continua ao explicitar a necessidade de criar a demanda informacional, provocar, dar motivo às pessoas para ampliarem e desejarem mais conteúdo. Assim, como as bibliotecas escolares e seus aspectos diretos na questões sobre formação de leitores e leitura. Como certa vez em que o público estudantil nunca solicitou a leitura de jornais, até que a Biblioteca Escolar começou a disponibilizar e a procura diária começou.

Quanto menos as pessoas, clientes em potencial dos serviços oferecidos, souberem identificar as suas necessidades de informação, maior deverá ser o empenho em conhecê-las: o seu perfil sociocultural, a sua história, suas carências e seus sonhos. É a proximidade com o público que torna isso possível (Milanesi, 2013, P.86)

Castrillón (2011) defende a grande responsabilidade social e o compromisso ético político das bibliotecas públicas e escolares no sentido de comprometimento que o profissional da informação deve ter diante das crises sociais que se avolumam atualmente e poderiam ser melhor digeridas com a democratização da leitura e escrita, princípio básico para apropriação do conhecimento e efetivados através da leitura. Suas discussões abordam que não é apenas democratizar o acesso, mas contribuir na luta e ainda promover o tempo de reflexão e debate mais do que a ação em um processo de trocas com a comunidade o que ressalta a projeção de mediação profissional. Segundo Castrillón (2011) a importância da leitura ser entendida pela sociedade como um direito, uma forma de compreender e se colocar no mundo, a discussão sobre os espaços de leitura, dentre outros, são práticas bibliotecárias e refletem uma introdução a esta mediação direta abordada aqui para além da simples multiplicação de locais de leitura e exposição de novos suportes. Contudo, uma prática laboral de contato constante com os resultados, provocação de descobertas e desenvolvimento da exposição deste público a estas leituras.

Aliando o contexto de crise à requerida atuação das bibliotecas em leitura e mediação, Petit (2008) relata que na França, a tentativa de inserção de jovens marginalizados ao processo educativo não foi possível já que não houve um plano pedagógico consistente. A democratização do ensino com a inserção em massa destes, às escolas, não ocorreu devido às grandes dificuldades destes jovens em ler e escrever, o que dificultou também sua participação política. Ou seja, não houve igualdade de oportunidades para que o ponto de partida e dificuldades de cada estudantes fosse sinalizado. E isto causou uma alienação dos mesmos no aproveitamento de suas vidas estudantis e ganho em práticas sociais. Apenas o acesso destes aos cursos escolares e paralelamente, apenas o acesso à informação, não garantiram a sua participação efetiva em sociedade e a assimilação de conhecimentos necessários para sua qualidade de vida. Faltaram outros aspectos compreendidos aqui com o conceito de mediação para além do acesso. Porém, Petit (2008) confirmou a importância das bibliotecas, bibliotecários e leitura de literatura para que estes jovens conseguissem se colocar no mundo.

Somando-se a isto , a categoria de bibliotecários e instituições da biblioteconomia no mundo, têm apontado como tendência nas bibliotecas as mudanças de l*ayout*, trazendo a biblioteca como um centro cultural de interação, criação, cidadania e com resultado em práticas sociais significativas. Uma nova organização em seus espaços físicos, criando o conceito de centro cultural e encontro na comunidade além de centro de informação; visando a inclusão e o empoderamento cidadão como forma de trabalho e resposta às questões sociais trazidas dentro de um sistema excludente. Apesar da atual virtualização e inserção de tecnologias, a Biblioteca retoma com força a percepção de espaço de encontros e repensa as possíveis extensões da mediação que incluem conhecimento da realidade de seu público alvo.

O professor de economia Boaventura Santos (2020) reflete sobre as extensões da mediação ao se referir exatamente ao contexto da pandemia e isolamento sanitário, defendendo o regresso do estado e da comunidade, com um retorno à democracia participativa das comunidades, bairros, voltadas para ações de solidariedade e cooperação em resposta à crise pandêmica. Santos (2020) destaca que a comunicação dos intelectuais com os cidadãos comuns também se faz necessária. E a falta destas interações, traz uma abstração do debate que não conversa com a população que justamente teria mais condicionantes para se colocar.

Ora, nestes pensamentos iniciados nas partes anteriores sobre a função social da Biblioteca Escolar e as extensões da mediação, cabe debater brevemente a Biblioteca Escolar diante do projeto educativo da escola na próxima parte.

**3 BREVE EXPOSIÇÃO SOBRE A MISSÃO DA BIBLIOTECA ESCOLAR**

A Biblioteca Escolar possui em si o conceito misto de ser uma unidade organizacional de informação, a Biblioteca, dentro do contexto Escolar, que já possui diversos valores definidos. Desta forma, partindo da discussão anterior é necessário aprofundar a correlação entre Escola e Biblioteca. Sobre a missão da Biblioteca Escolar :

A biblioteca escolar promove serviços de apoio à aprendizagem e livros aos membros da comunidade escolar, oferecendo-lhes a possibilidade de se tornarem pensadores críticos e efetivos usuários da informação, em todos os formatos e meios. As bibliotecas escolares ligam-se às mais extensas redes de bibliotecas e de informação, em observância aos princípios do Manifesto UNESCO para Biblioteca Pública (IFLA/UNESCO, 2002, p.1)

A citação acima expõe o trabalho prático e relacional da Biblioteca Escolar com a área da Educação. No processo de mediação a prática pedagógica se intensifica, se caracterizando na intervenção direta do processo educativo da Biblioteca Escolar. Esta é parte da escola e atrelada à missão e projeto desta, tornando a pensar sua razão de ser junto à função da escola. “A Biblioteca escolar jamais será uma instituição independente, porque sua atuação reflete as diretrizes de outra instituição que é a escola [...] em estreita sintonia com a concepção educacional e as diretrizes político-pedagógicas da escola a qual integra” (Côrte; Bandeira, 2011, p. 8).

A lei nº 12.244/20102 institui a criação de bibliotecas escolares em todas as instituições de ensino. Esta lei foi complementada pelo projeto de Lei nº 9484/2018 que prorrogou o período para a criação das Bibliotecas e redefiniu o conceito desta de acervo para “equipamento cultural”. O objetivo seria propor uma definição mais dinâmica e interacional da biblioteca para além de materiais estáticos. A redação ainda inclui a importância do trabalho da Biblioteca no processo de ensino aprendizagem e no ensino à leitura, elementos que também se tornam presentes em outros documentos internacionais imprescindíveis quando se trata sobre a missão, definição e objetivos da Biblioteca Escolar.

O Manifesto IFLA/UNESCO (1999) é um documento que se sobressai como um dos primeiros e principais a levantarem o debate e urgência sobre a atuação da Biblioteca Escolar diante da atual explosão informacional de uma sociedade baseada na informação e no conhecimento.

Esta alegação soma-se à citação que inicia a seção: a unidade de informação é essencial pelas ideias e conhecimento que provocam nos indivíduos. Estes processos são concernentes à aprendizagem, informação e conhecimento buscados no projeto educacional para a formação de seus alunos. O documento cita a Biblioteca Escolar como “parte do processo educativo” e ressalta pontos de ação do espaço para o desenvolvimento de qualquer iniciativa que envolva a leitura e com o desenvolvimento da Literacia a longo prazo, permeada em todo o processo.

Segundo Côrte e Bandeira (2011) algumas instituições possuem sua missão e valores bem definidos, mas, a missão da Biblioteca Escolar é tão intimamente ligada à da escola, que por vezes não deixa transparecer esta atuação. Pois, segundo as autoras, se a escola forma as crianças, o trabalho da Biblioteca seria redundante. A afirmação vai ao encontro de Sousa (2014) que assinala a localização do bibliotecário escolar, e, portanto, da Biblioteca, no cerne do processo de ensino-aprendizagem, mas, de contornos em práticas não estabelecidas, o que dificulta a formação dos profissionais bibliotecários e certamente sua posição na atuação escolar. A autora afirma a posição do profissional da informação, sua atuação em processos cognitivos, na construção da informação em conhecimento e seu entrelaçamento com a Educação.

Macedo (2005, p. 169) considera que “é inaceitável que a biblioteca escolar fique sem o respaldo de um conceito extensivo de organismo misto de ordem biblioteconômica e educacional, no qual transpareça todo um ciclo de sua organização”. Portanto, defende a indissociabilidade das práticas pedagógicas da Biblioteca do seu fazer biblioteconômico. Desde as tarefas técnicas de catalogação que já incluem o seu fazer especializado, um traduzir de documentos e informações para uma linguagem que encontre seu público alvo, a integração com corpo docente, até suas atividades de interação direta para dinamização do espaço com o público da Biblioteca, considerando que uma etapa depende da outra e são parte de um todo. A Biblioteca escolar possui um escopo relacional com seu público e diretamente educativo.

Desde que já discutido sobre a mediação aqui defendida e a relação entre Escola e Biblioteca, cabe definir e perceber na literatura científica de Biblioteconomia e Ciência da Informação, o conceito de mediação tal como é feito abaixo.

**4 O CONCEITO DE MEDIAÇÃO**

A pesquisadora Ana Amélia Lage Martins (2019) possui diversas pesquisas sobre o estudo do conceito de mediação como pertencente a várias áreas do conhecimento e cita que o termo tem crescido muito de importância em pesquisas, sendo recente na área da Ciência da Informação e Biblioteconomia. Incorporado a partir dos anos 80, o conceito é como resposta a necessidade de se dar conta de novas relações de apreensão do objeto informacional em dimensões sociais, econômicas, políticas e culturais, surgidas a partir, principalmente, do incremento das tecnologias e compreendendo todas as tarefas que envolvem a organização, fluxo, comunicação, circulação, apropriação da informação etc. De forma geral, a noção do termo se dá porque os significados e sentidos do objeto informacional não se dão de forma imediata, mas, por uma série de processos de organização, circulação, técnicas e profissionais que atuam na interpretação destes bens simbólicos (Martins, 2019).

Então, o processo de mediação influi no consumo informacional desde que visto como um certo movimento impregnado de relações com tempo, espaço, lugar, histórias. É aceito que o termo mediação envolve todas as atividades bibliotecárias no processo de tratamento da informação tais como catalogação, circulação etc, porém, como levantado por Martins (2019), é para além dos processos técnicos organizacionais, visto que engloba um desenvolvimento, um processo relacional, de continuidade, porque os sentidos e significados do objeto informacional não aparecem de forma imediata, desde o tratar desta informação tecnicamente até ao alcance para transformação da informação em conhecimento pelo público-alvo, o leitor.

Neste caminho transparecem trocas tais como as presentes no ato educativo, de forma evolutiva, crescente, colaborativa e retroativa. Martins (2019) também afirma o conceito de mediação tomando novos contornos na medida em que novos equipamentos, tecnologias e novas linguagens nos dias atuais surgem para gestão e acesso à informação vasta e diversificada. Afinal, novos processos junto à informação tais como: novos suportes, novas leituras, excesso de dados, abrem dificuldade de seleção e maiores habilidades cognitivas para processamento desta. É exatamente neste contexto que se evidencia a mediação de leitura pelas Bibliotecas Escolares, sendo estas, espaço propício para o desenvolvimento do leitor em diversas leituras de forma que seja mais funcional em sociedade.

De acordo com Abreu e Dumont (2021) o termo carece de melhor definição teórico conceitual por parte da Biblioteconomia e Ciência da Informação, já que originalmente é da área de educação e comunicação, além de apresentar certa ampliação conceitual para incluir aspectos culturais e aspectos de interferência na mediação. Apesar dos múltiplos significados do termo mediação e sua recente inclusão na área de Biblioteconomia e Ciência da Informação (MARTINS, 2019), existe certo consenso sobre a consolidação de denominar o profissional da informação, bibliotecário, como um mediador da informação e até mesmo de considerar a biblioteca escolar comumente como mediadora de leitura. Contudo, compreender a recente agregação do termo mediação no escopo de categoria da área, indica sobre estes impactos ainda indefinidos na legitimação da Biblioteca Escolar atuando em mediação de leitura.

Segundo Almeida Júnior (2007) mediação seria definida, ainda por “Toda ação de interferência realizada pelo profissional da informação [...] que propicia a apropriação da informação [… ]”. Esta concepção entende a ação para além das interferências de organização do conhecimento como referência, catalogação, atividades culturais etc. Mas, uma preocupação com a apropriação da informação por este leitor como parte do processo de mediação informacional. Ou ainda:

Firma-se novamente que, através das atividades de organização e representação do conhecimento, como também na interação com os usuários (para que eles possam ultrapassar do ponto de sua “necessidade imediata”, para gerar significações e atribuir valor e sentido aos conteúdos informacionais acessados), é que se concretiza, também, o processo de mediação (Almeida Júnior, 2014, P.102)

Ou seja, a mediação vai além do acesso ou das tarefas de relação direta com o leitor ou processamento técnico : a mediação da informação pressupõe certa interferência até mesmo na construção do conhecimento e mostrando nuances de um trabalho interativo e social.

Logo, destacamos Almeida Júnior (2014) para quem é comum dizer que o bibliotecário trabalha na democratização da informação, mas já nem tanto é discutido que estamos envolvidos, temos parte e responsabilidade também na construção do conhecimento.

Neste sentido, a mediação como processo de interferência, age para que os indivíduos sejam capazes de suspeitar, perguntar, criticar e acumular competência e autonomia em relação à construção do conhecimento, começando do ponto de partida da pessoa, do cotidiano desta.

Logo, prosseguimos para a mediação concernente à mediação de leitura.

**5 A MEDIAÇÃO DE LEITURA NO CONTEXTO DA VIRTUALIZAÇÃO**

Almeida Júnior (2007) conecta o conceito de mediação à leitura como territórios essenciais da área da Biblioteconomia e ainda confere responsabilidade maior às bibliotecas escolares com o alerta de irem além do simples incentivo à leitura, não sendo "reducionistas ou estreitos''. Logo: “A exemplo da informação, a leitura não existe a priori, concretizando-se no processo de mediação” (Almeida Júnior, 2007, p. 35). E ainda: “Pois, a leitura é imprescindível para Ciência da Informação e Biblioteconomia, e que a informação só aparece se a leitura ocorrer” (Almeida Júnior, 2007, p. 35).

Para o bibliotecário escolar que trabalha com leitura e informação, o acesso pela disponibilização, divulgação e organização de acervo é o facilitador para a construção de conhecimento. Mas é o início do caminho. O estímulo para elaborar critérios, pensamento crítico deste leitor, vai além: exatamente para o alvo de construção de conhecimento. É um processo de formação de leitores. Não basta o acesso pela mediação implícita ou indireta, mas, a mediação direta, caracterizada pela interferência real. O processo inclui a mediação de leitura.

Como trata o livro Biblioteca Escolar,

Não basta colocar um livro, a qualquer custo e a qualquer tempo, na mão de uma criança sem que haja uma ligação entre o que ela lê e sua história, seu referencial de vida, seu próprio ambiente. É preciso que se crie uma identificação entre ela e a leitura. Por mais tênue que seja, é preciso que haja uma ligação para haver interesse, motivação, a vontade de seguir adiante, para saber onde vai dar esta história (Corte; Bandeira, 2011, p. 2)

A declaração mostra visão de interação e mediação com o leitor como forma de promover o encontro deste com a leitura e até mesmo efetivar a leitura em relações de melhor percepção dos textos, denotando o perfil de livre interpretação da leitura literária. A noção de motivação, curiosidade e interesse em prosseguir e descobrir significados, fazer conexões vão além do simples contato com a leitura em si, dependem de uma ligação, uma interferência sugerida para além do texto, acesso e organização, caracterizando a noção de mediação, uma interferência direta. Este é o lugar de rodas de conversa literária, encontros com autores, atendimentos diversos recebidos pelos leitores trocando e pedindo informações sobre determinada leitura literária, provocação de curiosidades etc. Esta afirma o desempenho das atividades das Bibliotecas Escolares notadamente para além da organização técnica e simples divulgação de acervo novo.

Todo o cenário exposto até agora ao falarmos sobre a necessidade de virtualização de serviços se problematiza ao se combinar diante do processo de mediação de forma relacional e espaço de trocas como uma tendência do espaço das bibliotecas e essencial na prática educativa. A urgência de serviços bibliotecários virtuais e digitais se une a uma prática de mediação e gestão dessas ferramentas de forma relacional, interativa, um retorno à comunidade e ao encontro, fortalecendo os tradicionais espaços físicos das bibliotecas.

A abordagem lembra a interessante e intrigante proposta de “Bibliotecas de guerrilha” de Gil Solés (2013). O autor defende a flexibilidade da virtualização da Biblioteca tal qual uma tática de campo de batalha : bibliotecas em processo de desmaterialização e atomização. Esta proposta é baseada em uma tática real de guerra, onde a biblioteca possui unidades pequenas (atomização), podendo ou não se relacionar com as pessoas, destacamentos irregulares em disputa através de uma guerra assimétrica (com recursos e número de soldados diferentes). Essa estratégia confere rapidez e surpresa de ataque, evocando a flexibilidade urbana através da biblioteca temporária e pré-fabricada podendo ser construída e removida com facilidade e rapidez. A visão proposta por Gil Solés (2013) de *estar na biblioteca e não ir à biblioteca*, como tomada de espaço urbano, também evoca militância e interação constante entre as pessoas e não somente máquinas e fontes de informação. A ideia não seria simplesmente acabar com o físico, mas, levanta a profunda questão de como uma proposta educativa e transformadora, entendida como algo dentro de um processo evolutivo, pleno de mudanças, portanto, passível de mediação constante, ocorreria de forma tão rápida nesta tática quase desterritorializada de projeção de trabalho.

Por outro lado, “Bibliotecas de Guerrilha” relembra Pierre Levy (2010, p.224-p.225) ao sinalizar a construção de novos planos de existência e inevitável desaparecimento diante das novas técnicas e novos tempos: novas relações de comunicação, novas ferramentas e construção de conhecimento e aprendizagens, novos gêneros literários e artísticos, sempre mediados pela tecnologia e decretando o desaparecimento de outros. De forma alguma a proposta das “bibliotecas de guerrilha” é descartada, desde que reconhecidamente muito estratégica. Todavia, é necessária a indagação para a interferência (mediação) durante o processo de aproveitamento da leitura, acompanhamento, avaliação, para além da simples disposição tática de informação e organização deste conhecimento. Pois, algo desaparece e reaparece em diferentes locais em movimento. E estas questões precisam ser pensadas para a combinação das estratégias do novo e do antigo proceder.

Esta breve exposição de Gil Solés (2013) considera a fluidez quase líquida e desumanizada, que se esvai, de uma Biblioteca de guerrilha, mas, ao mesmo tempo a necessária versatilidade proposta por esta tática de guerra, tendo em vista que o cenário de batalha é real e também suscita a provocação sobre a necessidade de leitura e informação como algo em uma crescente.

É necessário um retorno aos fundamentos da Biblioteconomia como sugeriu Butler (1971) e também o matemático Shially Ranganathan que idealizou as 5 leis da biblioteconomia, em um cenário dos anos 30 com uma realidade totalmente física e espacial de bibliotecas cheias de livros e nada de virtualização, deixando alguns indícios de indagação sobre responsabilidade social do bibliotecário em termos quase proféticos. Sua obra precursora traz paralelos e princípios e mostra “a quinta lei” onde a biblioteca é um organismo em expansão. O autor declara que o desenvolvimento e evolução de um organismo se faz assumindo diferentes perspectivas e até diferentes materiais. E que a tríade livros, pessoal e leitores deveria se fazer. Sendo “pessoal” aqueles que fariam a integração entre leitores e acervo, ou seja, os mediadores fazendo mediação. E continua, ao citar sobre a tríade, de que sua “mera justaposição de livros e leitores sem o pessoal, que sabe promover o contato entre o leitor certo e o então livro certo, tampouco constitui uma biblioteca” (Ranganathan, 2009, p. 242).

Depois deste princípios, suas elucubrações vão para o crescimento físico nestes fatores, o que era fruto de sua época. Porém, admite que sendo a biblioteca um organismo em crescimento, pode assumir novas formas, se renovando, mudando o tamanho, aparências.

Não podemos antever quais outras etapas de evolução ainda existem para este organismo em crescimento — a biblioteca. Quem sabe se não virá um dia em que a disseminação do conhecimento, que é a função essencial da biblioteca, se fará por meios diferentes do livro impresso? (Ranganathan, 2009, p. 262).

Contudo, para Chartier (1998) a mudança nos suportes das fontes e registros traz mudanças nas práticas leitoras. E o bibliotecário escolar sente e reflete, bem rápida e abruptamente, as alterações na mediação de leitura somente por meio digital e traz para o debate diante de um conceito de mediação a ainda “se definir” na área de Biblioteconomia e Ciência da Informação nos pontos que se seguem.

As bibliotecas de guerrilha De Gil Solés (2013) sugerem que a imaterialidade e excesso de flexibilidade das Bibliotecas provocaria um distanciamento entre aqueles que planejaram a mediação para além da organização e não realizaria as trocas necessárias do mesmo. Até mesmo para saber o momento de avançar para outro espaço ou ir adiante, aprofundar. O próprio material já está em constante movimento. A imaterialidade da biblioteca e dos seus registros também desconstrói alguns simbolismos. O novo layout desfaz sabiamente a suposta sacralidade de silêncio, inércia e longitude impetrada por determinadas Bibliotecas. Afinal o espaço é para as pessoas e não somente para o acervo, aparelhos, livros.

Esta concepção mudaria o conceito de biblioteca para além da "biblioteca virtual". Muda até o conceito de espaço da biblioteca (biblioteca virtual). Por uma lado, a suntuosidade e a religiosidade no sentido de distante e para poucos, troca de lugar com a praticidade e acesso.

Porém, a materialidade também tem seu valor inestimável. Tal os chamados livros pop-ups como experiência concreta, tátil , sensorial e tridimensional não disposto em telas, mas, necessária para crianças que o bibliotecário escolar apresenta no seu dia a dia como mediador de leitura.

Mudar os suportes para ser dinâmico como o mundo, mais ágil, mais rápido. Mas e quando se quer mesmo é ter tempo de parar? Como diz o artigo de “elogio do silêncio” (2009). O debate sobre inserir na prática educativa atividades várias e dinâmicas, para que as crianças participem, se ocupem e nunca se distraiam, dificulta as contações de histórias, o “fôlego de leitura” em que se requer parar, ler de novo, perguntar, não entender, insistir, pensar, sem pressa. Neste caso, a contemplação é necessária, o tempo do silêncio…

Por outro lado, Pierre Levý (2010) destaca que a visita virtual aos museus na verdade incentivou a ida de pessoas aos museus físicos, e não afastou o público dos mesmos, naqueles que poderiam temer a arte se tornar desencarnada. Mas quanto a isto, destaca que “ a ascensão do virtual provoca a do atual, mas, a primeira se desenvolve mais rápido do que a segunda” (LEVY, 2010, p. 221). O autor também ressalta sobre as mudanças cognitivas que as tecnologias impõem, tal qual memória, imaginação, raciocínios (Levy, 2010, p.159). Ou não é necessário ir muito longe para perceber diversos *youtubers* que utilizaram do recurso físico, como a escritura de livros, para ampliar seu alcance midiático ao aproveitar de sua fama já consolidada nas telas ? Mas como desprezar no dia a dia a grande variedade de leituras em telas requeridas por cadastros, celulares e tablets ?

Chartier (1998) ao falar sobre a emergência das bibliotecas, afirma a necessidade de manter as condições de inteligibilidade desses registros. A biblioteca eletrônica sem muros é uma promessa do futuro, mas, a biblioteca material, na sua função de preservação das formas sucessivas da cultura escrita, tem, ela também, um futuro necessário (Chartier, 1998, p. 153).

Para o bibliotecário pensar na nova projeção através das tecnologias sem se perder, o artigo *Elogio ao Papel: contra el colonialismo* digital de Roberto Casati, chama a atenção não por parecer em um primeiro momento um caminho retrógrado que evoca uma repulsa ao digital em comparação ao físico, mas, pelo mesmo ter sido escrito pelo então diretor do centro de informação científica da França, evocando como direito a leitura em profundidade.

Atualmente, as habilidades e competências de leitura devem considerar o texto impresso como algo imerso numa sociedade plena de diversas leituras e estas questões são algumas que afetam o dia a dia profissional e requerem a atenção constante para a intervenção eficaz.

**6 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Esta breve consideração nos permite relacionar e refletir algumas questões referentes à atuação profissional na atualidade e reflexões do conceito de mediação nos fundamentos da Biblioteconomia diante da mediação de leitura. As crises sociais confirmam a existência das bibliotecas e levantam questões a serem enfrentadas na concepção de mediação e organização do conhecimento em negociação com seu público e a responsabilidade das bibliotecas escolares.

Portanto, a virtualização dos serviços bibliotecários evidencia a relação constante com seu público e não afasta, mas, aproxima, tomando a missão, serviços e fluxos ao encontro desse público.

Sobre a mediação, é interessante reforçar o aspecto dos estudos culturais para entendimento dos processos de leitura, sentido e acompanhamento da realidade por parte dos leitores, não apenas nos limitando ao acesso à informação e ao material, mas, nas provocações lançadas para a mediação deste conhecimento e alcance do público alvo. Desta forma, o estudo dos aspectos culturais da sociedade e aproximação com a realidade deste só podem auxiliar neste processo.

A virtualização dos serviços não substitui o processo comunicacional e interativo que a mediação propõe de forma até mesmo pessoal e humanizada como percebida nas escolas e pertencentes ao processo educativo. Várias reflexões incidem sobre um fazer profissional conectado, atento e relevante. Tantas qualidades e compromissos parecem tornar difícil tal projeção profissional. Porém, também são possibilidades de ação. Afinal: [...] *desde que estas utopias sejam ditadas pela razão e pela imaginação, que não são inimigas entre si* (Castrillón, 2011, p. 48) .

**REFERÊNCIAS**

ABREU, Flávia Ferreira; DUMOND, Ligia Maria Moreira. Adolescentes e mediação da leitura em biblioteca escolar. **Em Questão**, Porto Alegre, v. 27, n. 1, p. 388-402, jan/abr. 2022. Doi: http://dx.doi.org/10.19132/1808- 5245271.388-402.

ALMEIDA JÚNIOR, Oswaldo Francisco de. Leitura, mediação e apropriação da informação. In: SANTOS, Jussara Pereira (Org.). **A leitura como prática pedagógica na formação do profissional da informação**. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2007. 168p. p.33-45.

ALMEIDA JÚNIOR, Oswaldo Francisco de. Leitura, mediação e apropriação da informação. In: SANTOS, Jussara Pereira (Org.). **A leitura como prática pedagógica na formação do profissional da informação**. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2007. 168p. p.33-45.

ALMEIDA JÚNIOR, Oswaldo Francisco; SANTOS NETO, João Arlindo dos. Mediação da

informação e do conhecimento. **Informação e Informação**, Londrina, v. 19, n. 2, p. 98 –

116, mai./ago. 2014.

BUTLER, Pierce. **Introdução à Ciência da Biblioteconomia**. Rio de Janeiro: Lidador, 1971.

CASTRILLON, Silvia. **O direito de ler e de escrever**. São Paulo: Pulo do Gato, 2011.

CHARTIER, Roger. **A aventura do livro**: do leitor ao navegador: conversações com Jean LeBrun. 3.ed. Unesp: 1998.

CÔRTE, Adelaide Ramos e; BANDEIRA, Suelena Pinto. **Biblioteca escolar**. Brasília, DF: Briquet de Lemos, 2011.

GIL-SOLÉS, Daniel. (30 de octubre de 2013). B**ibliotecas de guerrilla**: desmaterialización y atomización. Disponível em: <http://eprints.rclis.org/32777/1/BibliotecasDeGuerrilla. pdf>. Acesso em 12 de nov. 2021.

GOMES, Luciano Ferreira; BORTOLIN, Sueli. Biblioteca Escolar e a mediação de leitura. **Semina**: Ciências Sociais e Humanas, Londrina, v. 32, n. 2, p. 157-170, jul./dez. 2011.

IFLA, FEDERAÇÃO INTERNACIONAL DE ASSOCIAÇÕES DE BIBLIOTECÁRIOS E INSTITUIÇÕES. **Diretrizes da IFLA/UNESCO para a biblioteca escolar**. Tradução Neusa Dias de Macedo. São Paulo: IFLA, 2005. Disponível em: <https://www>. ifla.org/files/assets/school-libraries-resource-centers/publications/schoollibrary-guidelines/school-library-guidelines-pt.pdf. Acesso em: 20 ago. 2023.

IFLA, FEDERAÇÃO INTERNACIONAL DE ASSOCIAÇÕES DE BIBLIOTECÁRIOS E INSTITUIÇÕES. **Diretrizes da IFLA/UNESCO para a biblioteca escolar**. 2.ed. São Paulo: IFLA, 2015. Tradução Portuguesa por: Rede de Bibliotecas Escolares, Portugal. Disponível em:https://www.https://www.ifla.org/wp-content/uploads/201905/assets/school-libraries-resouce-centers/publications/ifla-school-library-guidelines-pt.pdf. Acesso em: 18 mar. 2022.

IFLA, FEDERAÇÃO INTERNACIONAL DE ASSOCIAÇÕES DE BIBLIOTECÁRIOS E INSTITUIÇÕES. Manifesto IFLA/UNESCO para a biblioteca escolar. São Paulo: IFLA, 1999. Disponível em: <https://www.ifla.org/files/assets/school-libraries-resource-centers/publications/> schoollibrary-guidelines/schol-library-guidelines-pt.pdf. Acesso em: 22. set 2021.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. 3. ed. Rio de Janeiro : Editora 34, 2010.

MARTINS, Ana Amélia Lage. Mediação: categoria lógica, ontológica, epistemológica e metodológica. **Investigación Bibliotecológica**, vol. 33, núm. 80, julio/septiembre,2019, México, ISSN: 2448-8321, pp. 133-15. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/> 334078425\_Mediacao\_categoria\_logica\_ontologica\_epistemologica\_e\_metodologica. Acesso em 18 jul.2023.

MUELLER, Susana P. M. bibliotecas e sociedade: evolução da interpretação de função e papéis da biblioteca. **R. Esc. Bibliotecon**., Universidade de Brasília, v.13, n.1., p. 7 – 54, mar. 1984. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/74223>. Acesso em 12 de nov. 2020.

MATOS, Gaspar. **Elogio do silêncio**. [Reportagem de 21/07/2016 do Notícia BAD: jornal da associação portuguesa de bibliotecários, arquivistas, profissionais da informação e documentação]. Disponível em: https://www.bad.pt/noticia/2016 /07/21/elogio-do- silencio>. Acesso em 02 de nov. 2020.

MILANESI, Luís. **Biblioteca**. 3. ed. Cotia: Ateliê Editorial, 2013.

NÓBREGA, Nanci Gonçalves da. De livros e bibliotecas como memória do mundo : dinamização de acervos. *In*: YUNES, Eliana (Org.). **Pensar a Leitura**: complexidade. 2.ed. Rio de Janeiro : Editora Puc Rio. 2005.

PETIT, Michele. **Os jovens e a leitura**: uma nova perspectiva. Editora 34: São Paulo, 2008.

QUISPE-FARFÁN, G. A. Bibliotecas públicas: contexto, tendencias y modelos. **e-Ciencias de la Información** (Costa Rica), v. 10, 2020. Disponível em:<http://hdl.handle.net/ 20.500.11959/brapci/141938>. Acesso em: 15 nov. 2022.

SANTOS, Boaventura de Sousa.**A cruel pedagogia do vírus**. Coimbra: Almedina,2020.

TAQUETTE, Sella; BORGES, Luciana. **Pesquisa qualitativa para todos**. Petrópolis, RJ: Cortez, 2020.

YUNES, Eliana; ROCHA, Alessandro (Orgs.). **Biblioteca e ações de leitura**. Rio de Janeiro: PUC, 2015.

1. A pesquisa intitulada de “Biblioteca Escolar : Refletindo a prática de mediação da leitura literária” encontra-se disponível em : //<http://www.unirio.br/ppgb.Marcos/projetos-de-pesquisa/Nikel>Cristiane. dissertaofinal.pdf/view. >Acesso em 10 set. 2023. [↑](#footnote-ref-1)
2. David Lankes em”Bibliotecas para pessoas”. Disponível em : <https://davidlankes.org/new-librarian> ship/expect -more-demanding-better-libraries-for-todays-complex-world/1-the-arab-spring-expect-the-exceptional/6-comunidades-a-plataforma/.> Acesso em 20 mar. 2023. [↑](#footnote-ref-2)